

1. Mar sagrado: deuses e monstros

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”

(Fernando Pessoa, *Mensagem*)

O mar é o símbolo da matriz universal, das águas primordiais, da origem de todas as coisas. Várias cosmogonias fazem referência ao mar cósmico ou à criação *ex nihilo* do mar. “No princípio era o caos, o abismo vasto e imenso, violento como um mar escuro, devastador, selvático” (Hamilton, 1983: 85). Na cosmogonia egípcia de Hermópolis, o oceano originário chama-se *Nun*. Trata-se, na realidade, mais de um conceito subjetivo do que de um deus objetivo. Nun é o líquido cósmico infinito que cria a vida e traz a morte, sem criador sobre o mundo. Para os egípcios Nun dormia como a água escura e parada. Ao acordar encontrou-se só, por isso criou a terra (o Egito) sendo o Nilo o rio divino e a fonte da vida. Também no hinduísmo *Vixnu* – princípio luminoso – dormia sobre as águas cósmicas entre as sucessivas criações. Este sono, de mil milhões de anos, permitiu o amadurecimento do deus e o despontar de um novo universo. Na cosmogonia dos *Vedas* da tradição bramânica, antes do “ser” e do “não-ser” existia um caos aquático e tenebroso. Em seguida nasceu um embrião de vida desenvolvendo um calor espontâneo. Na obra da criação interveio um ovo de ouro produzido pelas águas da criação. Ao cabo de mil anos o ovo abriu-se e dele saiu *Brama* que, vendo a Terra mergulhada nas águas, se transformou em javali e a ergueu nas suas presas. Segundo a mitologia zoroastriana (Pérsia) o oceano celestial tem o nome de *Vourukasha* e possui no seu centro a “árvore de todas as sementes” e no topo da árvore um pássaro, o *Sinamru*, que parte as sementes e com elas fertiliza a terra. Mais a Ocidente, na mitologia suméria, a água também é o elemento primordial. Todos os seres, incluindo os deuses, resultaram da

união de *Apsu* (água doce e calma) e *Tiamat* (água salgada e tumultuosa). No Pacífico uma das cosmogonias oceânicas (mais particularmente na ilha Nauru) conta que no início havia apenas mar sobre o qual planava a *Aranha-Antiga*. Na Polinésia a mitologia dos primeiros tempos descreve como *Tangaroa*, o pai dos oceanos, ao aperceber-se que existia apenas água no mundo, lançou pedras para o mar que se transformaram em ilhas. Tangaroa é o progenitor de todas as espécies marinhas e era considerado como o grande protetor das canoas.

Paralelamente às tradições que consideram o mar como um elemento primordial pré-existente aos deuses existem cosmogonias que por sua vez fazem das águas marinhas uma criação de entidades superiores. Segundo a Bíblia (Génese 1: 1-10) Deus criou o Céu e a Terra, em seguida, no primeiro dia criou o dia e a noite e no segundo dia “separou as águas das águas”, formando as águas terrestres e as águas celestes. Ao terceiro dia, Deus criou os continentes e chamou “mares” às acumulações de águas e “terras” aos lugares que se encontravam secos.

A mitologia japonesa narra o mito de *Izanagi* e *Izanami*, um casal sagrado que recebeu a ordem celeste de fecundar a terra. De pé sobre o céu remexeram a água do mar com uma lança divina criando a ilha de Onokoro. Em seguida o casal deu à luz múltiplas ilhas constituindo deste modo o Japão. Na mitologia helénica *Eurínoma*, a Deusa de Todas as Coisas, nasceu nua do Caos mas os seus pés não encontraram nenhum lugar onde pousar. Decidiu, por isso, separar o mar do céu e dançou sobre as ondas. Neste movimento ondulante, apoderou-se do Vento do Norte, ou *Bóreas*, e esfregou-o nas suas mãos divinas criando a serpente gigante *Ofíon*. *Eurínoma* dançou então mais vigorosamente para se aquecer e a dança excitou *Ofíon* que a engravidou. Depois desta orgia divina a deusa transformou-se numa pomba branca voando sobre as ondas e, em devido tempo, gerou o Ovo Universal. O mito olímpico da criação conta, por seu lado, que a Mãe-Terra nasceu do Caos e, enquanto dormia, deu à luz um filho chamado *Úrano*. Os mares, bem como todas as coisas do universo, foram criados pela união entre mãe e filho, incesto primordial. Nos mitos homéricos, antes de tudo, tinham-se formado o Céu (*Úrano*) e a Terra (*Geia*) que deram origem aos *Titãs*, considerados geralmente como a geração primitiva dos deuses. Um dos mais importantes, juntamente com *Cronos* (o Tempo), é *Oceano* o rio que, segundo se supunha, envolvia a terra. Mais tarde, *Cronos* desposou *Reia* e desta união nasceram *Héstia* (deusa do lar e do fogo doméstico), *Deméter* (deusa da terra e da agricultura), *Hera* (virgem celeste, deusa do casamento e da maternidade), *Hades* (deus dos infernos, para lá dos vastos oceanos) e *Posídon* (deus e senhor dos mares). No entanto, à medida que nasciam, *Cronos* ia-os engolindo até ao nascimento de *Zeus* que, ao matar o pai e libertar os irmãos, se tornou no deus do universo.

As epifanias marítimas europeias tornam-se antropomorfas na época clássica grega. As figuras míticas repetem sempre o mesmo *leitmotiv*: as divindades neptunianas têm geralmente um corpo de monstro marinho e reinam nas águas profundas. Como o elemento que representam, são caprichosas e tão facilmente podem ser benéficas como malévolas. “Mais que os outros deuses, elas [as divindades oceânicas] vivem além do tempo e além da história. Muito próximas da origem do mundo participam apenas ocasionalmente ao seu destino.” (Eliade, 1949: 212).

A *Odisseia* e a *Ilíada* de Homero, obras baseadas em mitos da Grécia Antiga, descrevem com clareza a hierarquia familiar dos deuses do Olimpo. Conhecemos assim os deuses e

outros seres marítimos do mundo helénico, dos quais o mais poderoso é Posídon (o equivalente romano é Neptuno) que, à imagem do mar, pode ser benigno formando novas ilhas e oferecendo águas calmas. No entanto se o ofenderem (o que acontece facilmente), ele bate com o tridente no chão provocando maremotos e cruéis vendavais que causam afogamentos e naufrágios. É por esta razão que também lhe chamavam “o Agitador da Terra”.

“Ajax sucumbiu no meio das suas naus de longos remos. Primeiro Posídon impeliu-o na direção das altas rochas Gírias e salvava-o do mar, e ele ter-se-ia livrado da morte, não obstante o ódio de Atena, se não tivesse proferido, na sua grande cegueira, um dito insolente; gabou-se de ter escapado, a despeito dos deuses, ao profundo abismo do mar. Posídon ouviu estas palavras orgulhosas. Logo ali agarrou o seu tridente com as suas pesadas mãos, e batendo na rocha Gíria, fendeu-a. Uma parte ficou de pé; o outro fragmento despenhou-se no mar, esse mesmo a que se agarrava Ajax quando se deixou assim alucinar pelo delírio, e que o arrastou sob as vagas do mar imenso. Eis como ele pereceu naquele lugar, depois de ter bebido a água salgada.” (Homero, Canto IV: 52).

Após a queda de Tróia, de regresso ao lar, Ulisses comete um grande erro: cega o único olho de um *Ciclope* filho de Posídon. O deus encolerizado resolve então vingar-se amaldiçoando implacavelmente toda a viagem do herói e dos seus companheiros. Faz assim com que toda uma gama de monstros marinhos e fabulosas tempestades caiam sobre o navio. Para Homero o mar é, claramente, um lugar de perdição, uma ameaça perpétua na qual só com a ajuda divina se consegue navegar. Ulisses, caindo nas graças de *Atena*, alcança o seu destino, Ítaca. Segundo a lenda da fundação de Lisboa, foi este herói que, ao chegar ao porto natural na foz do Tejo, fundou *Olisipo* que se tornaria, mais tarde, numa das cidades mais importantes da Lusitânia romana.



Neptuno e Anfitrite segundo Bon Boullongne (1649-1717)

Na *Teogonia* de Hesíodo o Mar faz parte das três Linhagens primordiais enraizadas nas origens. *Nereu*, o Velho Homem do Mar (o Mediterrâneo), era bondoso e justo. As suas

cinquenta filhas, as *Nereidas*, tinham a forma de sereias, seres deslumbrantes. É interessante notar que este elemento inspira o autor enquanto uma fonte de conhecimentos como lhe suscita sentimentos de esperança e imenso respeito face ao espaço marítimo:

“O Mar, este ser mutável e informe, funda a Linhagem dos que se marcam predominantemente por essa natureza primordial do Mar. A variabilidade, as transformações, o disforme e a imensidade são traços pertinentes, sob aspetos positivos ou negativos, desta Linhagem. Os aspetos positivos do Mar exprimem-se em Nereu e nas Nereidas. A navegação propícia, fonte de riquezas, ligação e caminho entre as terras, os ingredientes marinhos das belas paisagens mediterrâneas, tudo isso se revela nos nomes das Nereidas; — e não só isso: mutável, imenso e informe, o Mar representa também um tipo de sabedoria de inesgotáveis recursos, que prevê o imprevisível, que enxerga o recôndito e o inescrutável; — em suma: uma consciência que, como o Mar, domina, em todas as suas dimensões, a amplitude temporal e espacial.” (Hesíodo: 50).

Poderíamos comparar Nereu ao Velho do Restelo camoniano que representa a oposição passado/presente, antigo/novo. O Velho põe em relevo o esforço heroico mas insensato da expansão marítima, apodando de vaidoso quem, por cobiça ou ânsia de glória, se lança à aventura “por mares nunca d’antes navegados”. Esta figura simboliza a preocupação daqueles que antevêm um futuro sombrio: “Mísera sorte! Estranha condição”. A analogia entre a *Odisseia* e os *Lusíadas* é clara e foi já alvo de diversos estudos pelo que não a analisaremos. Notemos apenas um ponto essencial no que respeita às “marítimas águas consagradas”: ao passo que Homero escreveu as aventuras de um determinado herói, Camões sofreu no próprio corpo as suas narrativas marítimas e se Ulisses faz frente ao mar mediterrânico de forma involuntária, Vasco da Gama vence dois oceanos voluntariamente: o Atlântico e o Índico. É ainda de notar que, não obstante a celebridade de Ulisses, o primeiro herói mítico europeu a empreender uma grande viagem no mar alto, além das Colunas de Hércules (Gibraltar), é *Jasão* na *Demanda do Velo de Ouro*. Este poema, da autoria de Apolónio de Rodes, poeta do século III, relata as aventuras dos argonautas (os navegadores do navio *Argos* comandado por Jasão). Nesta jornada, o herói passou por Lemnos onde só viviam mulheres, atacou as *Hárpias* (seres voadores terríficos mais conhecidos como as cadelas de Zeus), sobreviveu aos Rochedos Movediços e matou *Talo*, o último homem da raça de bronze. Jasão e os Argonautas são, na realidade, os iniciadores das navegações imaginárias do mar tenebroso (o Atlântico).

As divindades marítimas são numerosas em todas as culturas sendo impossível expor aqui a extensa lista antropológica. Contudo, quanto às influências helénicas nas crenças portuguesas, é interessante rever a existência de algumas entidades divinas. Os mitos de *Ganimedes* e de *Delfinos* são particularmente atraentes. Ganimedes, um mortal jovem e esbelto, captou o interesse de Zeus que o raptou e fez dele o escanção dos deuses. Face à tristeza do pai de Ganimedes por ter perdido o filho, Zeus elevou a imagem do jovem às estrelas formando a constelação do Aquário, o “carregador da água”. Por sua vez, Delfinos era um mensageiro de Posídon que fora enviado a Anfitrite, uma das Nereidas, para a convencer a casar com o deus do mar. Delfinos defendeu tão bem a causa de Posídon que Anfitrite

acabou por aceitar.¹ Grato, Posídon elevou a imagem do mensageiro ao céu para criar a constelação do Golfinho. Os golfinhos são, por esta razão, venerados como seres extremamente simpáticos e simbolizam o mar calmo. Mais incerta é a figura de Fórcis, o “ancião que comanda as vagas”. Fórcis, pai das *Górgonas*, personificava o mar pérfido.

Segundo diversas mitologias e hagiografias, juntamente com os deuses aquáticos existem também vários tipos de animais marinhos fabulosos ou reais. O imaginário marítimo passa assim subtilmente do maravilhoso divino ao maravilhoso popular. Um mito particularmente interessante provém-nos da tradição inuíte (Canadá, Alasca e Gronelândia) sobre *Sedna*, deusa do mar e dos animais marítimos. Esta história relata como Sedna, uma mortal, se apaixonou por um ser com aparência de homem que navegava numa canoa. Porém o marinheiro era um espírito-pássaro e obrigou-a a desposá-lo. O pai de Sedna, ao ter conhecimento de tal acontecimento, foi buscá-la. Quando pai e filha fugiram o espírito-pássaro criou uma terrível tempestade para impedir a fuga e o pai, para apaziguar a ira dos deuses, lançou a filha à água. Sedna, desesperada, agarrou-se ao barco, mas o pai cortou-lhe os dedos que se transformaram nos animais marinhos do ártico: focas, baleias e morsas. Sedna, ao morrer afogada transformou-se na deusa imortal do mar.

Muitos seres fantásticos foram desenhados e catalogados durante a época Medieval usando como fonte as escrituras antigas. Os gregos foram separando as divindades do elemento com o qual elas se confundiam. Uma vez personificadas e detentoras de poderes mágicos, as deidades tornaram-se lendas, intervindo nas epopeias e sendo, por fim, solicitadas pela taumaturgia. Nesta extensa lista de figuras míticas, talvez a mais célebre seja a sereia.

“Chegarás primeiro à terra das sereias, cuja voz seduz qualquer homem que caminha para elas. Se algum se aproxima sem estar prevenido e as ouve, jamais a sua mulher e os seus filhos pequerruchos se reúnem em torno dele e festejam o seu regresso; o canto harmonioso das sereias cativa-o. Elas habitam num prado, e a toda a volta a margem está cheia das ossadas de corpos que se decompõem.” (Homero, Canto XII: 133-134).



Detalhe do mapa de Abraham Ortelius (1574), *Theatrum orbis terrarum*.

As sereias tinham originariamente um corpo de pássaro e simbolizavam a alma dos mortos. Divindades fluviais, já encantavam com as suas vozes. Segundo se diz, um dia

¹ O nome de Anfitrite refere-se ao “terceiro elemento”, o mar, existindo ao lado da terra, “primeiro elemento”, sob o ar, “segundo elemento”.

desafiaram as *Musas* mas foram vencidas e privadas das suas penas. Então, para esconder a vergonha, fugiram dos vales para os rochedos das costas da Itália, nas ilhas Sirenes. Era aí que, com os seus cantos, atraíam os navegantes para os devorar. Um dia, quando *Argos* por lá passou, *Orfeu* (um dos argonautas) afinou a sua lira, pôs-se a cantar e a sua voz sedutora venceu o encanto das sereias. Vencidas mais uma vez, transformaram-se em rochedos, à parte *Parténope* que fugiu. A sereia evoca ainda *Afrodite*, deusa do amor, que nasceu numa concha na espuma dos oceanos².

Na mesma família encontramos também as Nereidas que vivem num palácio no fundo do mar. Quando vêm à superfície, cantam, dançam e nadam com os golfinhos “e os seus cabelos ondulam no movimento aquático” (Peyron, 2003: 12). Segundo Plínio, uma Nereida foi, um dia, dar à costa lusa e aí morreu. Plínio conta que os habitantes dessa zona conseguiam ouvir os seus lamentos. Além delas, existem ainda as *Oceânidas*, filhas de Oceano e de *Tétis*, homólogas das *Ondinas* das mitologias germânicas e escandinavas.

A imagem da sereia evolui e muda de forma segundo as épocas. Jorge Luís Borges constata o seguinte no seu *Livro dos Seres Imaginários*:

“O dicionário clássico de Lemprière entende que são ninfas, o de Quicherat diz que são monstros e o de Grimal que são demónios. Vivem numa ilha do Poente, perto da ilha de Circe, mas o cadáver de uma delas, Parténope, foi encontrada na Campânia, e deu o seu nome à famosa cidade que se chama Nápoles. [...] No século VI, uma sereia foi capturada e batizada no norte de Gales e figurou como uma santa em certos almanaques antigos, sob o nome de Murgem.” (1989: 181-182).

Símbolo do conhecimento durante a Antiguidade, a sereia personifica a luxúria na Idade Média. No Renascimento representa a eloquência e a erudição, enquanto os românticos a pintam como sendo uma bela rapariga com cauda de peixe de cabelos louros e ondulados que canta para seduzir os marinheiros e os lançar contra as rochas. O que permanece constante é a associação das sereias à morte, contrariamente às Nereidas que protegem os marinheiros.

A versão masculina da sereia é o *Tritão*, filho de Posídon e de Anfitrite, que viaja sobre as ondas num carro atrelado a cavalos com patas de lagostim. Prestável e benéfico, foi ele quem ajudou os argonautas e quem se encarregou de fazer recuar as águas do grande dilúvio helénico.

Na *Odisseia* os dois monstros aquáticos mais terríveis do que as sereias são *Cila* e *Caríbdis*. Cila era uma bela ninfa por quem o deus marinho *Glauco* se apaixonou. Para a encantar, Glauco pediu a poção do amor à feiticeira Circe. Esta, porém, tendo-se enamorado do magnífico deus, envenenou as águas onde a ninfa se banhava e Cila transformou-se num monstro horrendo. E ali permaneceu, enraizada à rocha numa inexprimível miséria, odiando e destruindo todos os que por lá passassem. Foi o caso de Jasão, Ulisses e *Eneias*³. Numa outra versão, foi o próprio Posídon que se apaixonou por Cila e Anfitrite, ao ter conhecimento desta paixão, transformou-a num monstro com seis cabeças, doze pés e que latia. Caríbdis

² É interessante notar que, tal como Afrodite, *Lakshmi* (a esposa de Vixnu na mitologia do hinduísmo) também nasceu da batedura do mar e representa igualmente o ideal do amor e da beleza.

³ Eneias é o herói de *Eneida*, poema épico de Virgílio, poeta romano do século I a.C.. Eneias fora um dos raros sobreviventes troianos ao massacre perpetrado pelos gregos. Quando voltou à cidade em chamas à procura da sua esposa, apenas encontrou o seu espírito que o exortou a partir num navio em busca de novas terras. Não incluímos as aventuras deste herói na categoria da narração de viagem pois grande parte da aventura passa-se em terra, nos mundos subterrâneos e nos Campos Elísios.

era, por seu lado, um turbilhão, filha de Posídon. Os dois seres estavam situados lado a lado para que os marinheiros não pudessem passar.

“É lá dentro que se oculta Cila dos terríveis latidos. [...] Ela tem doze pés, todos disformes; e seis pescoços, de um comprimento singular, e sobre cada um uma pavorosa cabeça, com três filas de dentes, cerrados, múltiplos, cheios das trevas da morte.” (Ibid. Canto XII: 134).

“Ao pé do penedo a famosa Caríbdis engole a terra negra. Três vezes por dia ela expele e três vezes ela a engole com um ruído medonho. Não estejas lá, quando ela começar a tragá-la, pois nem o próprio Sacudidor da Terra poderia salvar-te da desgraça.” (Ibid. Canto XII: 135).

O animal mais famoso no imaginário dos navegantes é a serpente marinha: gigante, poderosa e assustadora. Encontramos referência a esta criatura mítica em várias civilizações e em todas as épocas. A referência mais antiga a este monstro aquático está presente na iconografia suméria passando, em seguida, para a cultura babilónica. O mito relata o nascimento das duas serpentes monstruosas *Lahmu* e *Lahamu*, filhas de Apsu e Tiamat. Mais tarde, no Antigo Testamento, a serpente marinha é figurada na imagem do *Leviatã*, descrita no Livro de Job como um monstro marinho gigantesco, musculado e forte, que cospe fogo e cujas escamas são impossíveis de trespassar.



O Anticristo sentado sobre o Leviatã
Lambert de Saint-Omer *Liber Floridus*. Século XIII

Numa das versões da *Navegação de São Brandão*⁴ uma serpente marinha gigante ataca os monges.

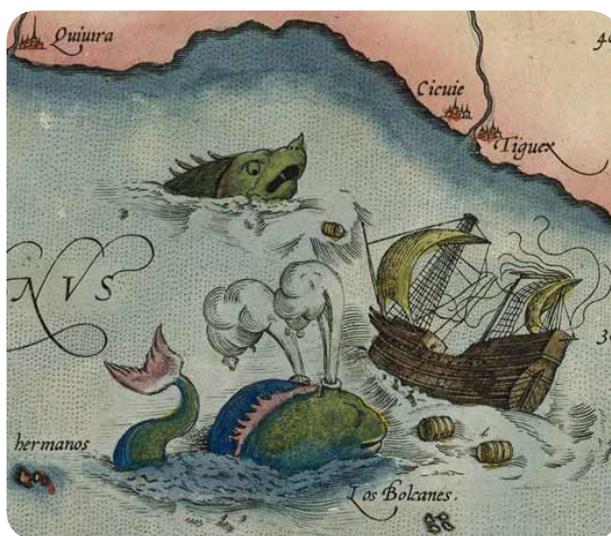
“Pela boca e pelas narinas lança chamas maiores que as de uma fornalha. As chamas são enormes e deitam grande calor, pelo que [os monges] receiam a morte. Quanto ao volume do corpo excede a normalidade. Emite um mugido mais forte que vinte touros. Se outro perigo não houvesse que temer mais que as suas dentadas, mesmo assim, muitos milhares de homens fugiriam dele. O tormento das garras seria indescritível.” (Nascimento, 1998: 165).

Curiosamente, a lendária serpente marinha não só é descrita em diversas mitologias e lendas mas também por tripulações de tal forma que o animal é classificado formalmente pela primeira vez, em 1817, sob a apelação de *Megofias* como segue:

⁴ Traduzido e analisado por Aires Nascimento, 1998) *Navegação de S. Brandão nas Fontes Portuguesas Medievais*. Lisboa: Colibri.

“O comprimento médio é de quinze a trinta metros; o corpo é arredondado e adelgaça-se até à cauda que ocupa metade do comprimento total; a cabeça pequena apresenta um focinho alongado; uma longa boca transversal, grandes olhos negros de reflexos vermelhos. O Megofias possui duas barbatanas na base do pescoço. A sua pele lisa e brilhante é de cor cinzenta ou castanha.” (De la Croix, 1998: 101).

Incluído na categoria de monstro marinho fabuloso está também o polvo ou a lula gigante, conhecido por *Kraken* nas lendas escandinavas. Segundo os pescadores do Mar do Norte e do Mar Báltico o monstro tinha mais de cem tentáculos e as suas costas eram do tamanho de uma ilha. É interessante sublinhar o facto de o polvo gigante ter existido no imaginário marítimo bem antes de ser realmente descoberto nos mares da Terra Nova, no Canadá, no século XIX. O octópode colossal foi amplamente descrito no romance de Júlio Verne, *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870), como uma criatura cruel escondida nos confins dos oceanos.



A baleia provocando um naufrágio
 Detalhe do mapa de Abraham Orteliu (1574) *Theatrum orbis terrarum*

No topo da hierarquia dos gigantes encontra-se a baleia ou o cachalote. Durante muito tempo acreditou-se que a baleia era perigosa e assassina. Esta ideia provém da Bíblia que conta como o profeta Jonas foi engolido por uma baleia e permaneceu no seu ventre durante três dias e três noites. Foi contudo com Herman Melville, autor de *Moby Dick* (1851), que a baleia se tornou, assaz injustamente, num monstro sem piedade. É de realçar que o escritor se inspirou num naufrágio real de uma baleeira em 1821. A baleia foi sempre considerada como um monstro, não só pelas suas dimensões exageradas, mas também pela violência e perigo que a caça à baleia representa. Existem lendas de diversos países que relatam como os marinheiros confundiram uma baleia adormecida com uma ilha. Por exemplo um dos episódios da lenda medieval de São Brandão descreve a proeza do monge ao atracar numa ilha deserta e cinzenta. Depois de a tripulação ter feito uma fogueira e ter comido, a ilha começou a afastar-se do barco. São Brandão disse então aos companheiros para não terem medo da baleia *lascónio*. Os monges passariam sete Páscoas no dorso da baleia antes de encontrarem o paraíso. *Sinbad*, um dos heróis das *Mil e Uma Noites*, também

atraca no dorso de uma baleia gigante. Aliás, o conto persa das sete viagens de Sinbad descreve toda esta panóplia de monstros marinhos. À imagem de Ulisses e de Jasão, também ele navega por mares tenebrosos.

Outro prodígio marinho é a medusa, ou alforreca, o celenterado marinho. O nome de medusa provém do mito grego da *Medusa*, uma das três Górgonas, filhas de Fórcis e de *Cetos* (uma serpente gigante). Medusa, outrora bonita, encantou Posídon que, sem mais, se acasalou com ela. Atena, furiosa por eles terem cometido blasfémia num dos seus templos, transformou Medusa num monstro cruel e horrendo de olhos ferozes, dentes aguçados, língua de víbora, garras afiadas e cujos cabelos eram serpentes. Os infelizes que cometiam o erro de olhar para ela transformavam-se de imediato em estátuas de pedra. Quando por fim *Perseu* a decapitou, do sangue do monstro nasceu a progenitura concebida com o Senhor dos Mares: *Pégaso*.

Uma criatura fantástica bem mais simpática é o cavalo-marinho. Este animal, contudo, não tinha outrora a mesma fisionomia que tem hoje. Na ficção islâmica e chinesa, o *Cavalo Marinho* era um cavalo selvagem que vivia no mar e só vinha a terra nas noites sem luar, quando sentia o cheiro de éguas. A cultura greco-latina adotou esta figura numa representação do vento que fecunda as éguas. Plínio o Velho, na sua *Naturalis Historia* (VIII, 67) descreve o animal da seguinte maneira:

“Ninguém ignora que na Lusitânia, nas proximidades de Olisipo e nas margens do Tejo, as éguas voltam a cabeça para o vento ocidental e ficam fecundadas por ele; os potros assim gerados possuem uma admirável ligeireza, mas morrem antes dos três anos.”⁵

Este animal fabuloso é igualmente descrito pelas testemunhas do naufrágio de Fernão de Mendonça em 1585:

“Uma vez postos na outra margem, saiu a eles um cavalo marinho. Meteram-se com medo pela vaza dentro, atolando-se até à cinta. O animal, com efeito, dava mostras de os querer seguir; mas pouco depois se tornou à água.” (Sérgio, 1985: 57).

Devido à presença destes prodígios marinhos na costa atlântica, Lisboa era vista como um espaço limite do império romano onde a terra e o mar se misturavam numa estranha coexistência. É de realçar que Posídon, além de senhor dos mares, é também senhor dos cavalos e foi ele quem ofereceu este animal ao Homem. Além disso, dois dos seus filhos são cavalos: *Pégaso* (o cavalo alado, filho de Medusa) e *Arion* (o cavalo selvagem, filho de Deméter). Parece que a veneração do cavalo por Posídon deve-se ao facto de sua mãe, Reia, ter oferecido a Cronos uma refeição da carne deste animal. É sem dúvida por esta razão que os gregos sacrificavam cavalos a Posídon antes de embarcarem. O nome do deus do mar está ainda associado ao touro. Notemos que as imagens do cavalo e do touro no mar ou na praia evocam ao português a pesca costeira do século passado na qual os barcos, ao chegarem à praia, eram puxados por tais animais. Ainda hoje se pode observar esta atividade na praia da Nazaré.

No que respeita Portugal o monstro fabuloso mais célebre é o Gigante Adamastor, filho da Terra e Capitão do Mar. Adamastor enamorou-se de Tétis mas esta logrou-o com

⁵ Citação em Jorge Luís Borges e Margarita Guerrero (2009) [1989] *O Livro dos Seres Imaginários*. Lisboa: Editorial Teorema, p. 46.

palavras doces. O gigante, para se vingar, lutou ferozmente contra Júpiter mas foi vencido. O castigo dos deuses foi severo: Adamastor foi-se degradando lentamente. Transformou-se em terra e penedos e alastrou pelo mar tornando-se num cabo medonho rodeado por Tétis em forma de vaga.

“De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.”

(Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto V).



O Gigante Adamastor
Jorge Colaço (1868-1942)

Outro ser fantástico é a *alma de mestre* que, nas tradições dos pescadores e marinheiros de Portugal, se traduz pela alma de um mestre ou capitão de um navio naufragado. Esta crença deve-se aos pios das gaivotas que os marinheiros creem ser os lamentos das almas dos capitães que não obtiveram uma sepultura cristã (Braga, 1988: 131). Eça de Queiroz escreveu nas suas *Prosas Bárbaras* (1903: 7):

“E então o piloto, que seguia atento, no galeão silencioso, a viagem das estrelas dizia: «De joelhos, companheiros, é a alma de mestre que passa!» E todos, de joelhos, rezavam tristemente, na noite, pela alma dos pilotos mortos na viagem das Índias!”

Talvez esta crença provenha do mito de *Ceys e Alcione* (contado por Ovídio), um casal extremamente apaixonado. Ceys decidiu um dia partir à descoberta dos mares, não obstante o amor profundo que tinha por Alcione que chorou e implorou para que o marido não partisse. Em vão. Na mesma noite em que Ceys embarcou, uma tremenda tempestade causou o naufrágio do barco e ele morreu afogado. Alcione, que esperava o marido na praia, viu o seu cadáver flutuar nas águas e correu na sua direção. E em vez de correr, começou a voar sobre as ondas: tinha sido transformada em pássaro. Os deuses, comovidos pela dor da mulher, transformaram o cadáver de Ceys num pássaro marinho. O amor unira-os outra vez.

Segundo consta, estas aves vêem-se sempre juntas, voando sobre as vagas.

É fácil constatar que o mar é dos temas mais ricos em imagens e símbolos, em lendas e narrativas. Este espaço lendário representa a vida (águas transparentes) e a morte (águas negras e profundas). O maravilhoso pagão apresenta uma autêntica panóplia de monstros, deuses e heróis.

Para manter a heroicidade dos acontecimentos, a narrativa é acrescida da intervenção de entidades superiores, favoráveis ou opostas à causa. Com esse recurso ao sobrenatural, não só os feitos se tornam extraordinários como os próprios heróis podem ser deificados. Todos os poemas da Antiguidade têm esta raiz no universo do maravilhoso. A literatura e a arte do Renascimento (mil e quinhentos anos mais tarde) refletem a reapropriação dos valores culturais da Antiguidade Clássica. Entre estas duas épocas históricas, durante a Idade Média, o imaginário popular e lendas fantásticas sobre o mar continuaram presentes.

Em suma, o valor espiritual e iniciático do mar revela-se sob a inspiração mitológica e religiosa. Uma análise mítico-religiosa, mesmo breve, dá indicações sobre os sentimentos que o mar suscita ao Homem: admiração mas sobretudo medo. Desbravar os mares era, no dealbar dos tempos, não só uma prova de coragem mas também de fé. As crenças e superstições dos marinheiros passaram de boca em boca, através dos tempos, sofrendo transformações ligadas aos acontecimentos históricos e à metamorfose das religiões. Estas histórias têm um elo evidente com as realidades vividas no mar sendo que os fenómenos meteorológicos e o desconhecimento geográfico agiram, certamente, como forças inspiradoras mas, simultaneamente, aterradoras. Devido ao número elevado de naufrágios podemos entrever a quantidade de rumores que navegavam de porto em porto. Estes rumores transformavam-se em histórias que a marinhagem mais velha contava à mais nova nas tabernas escuras e sujas das zonas portuárias. Mas não era apenas nestes lugares que o imaginário se transmitia: nas cortes europeias as histórias eram as mesmas mas contadas por trovadores e poetas. Também as hagiografias medievais são inspiradas pelos mitos ancestrais transformando-os em lendas cristãs.